

Capítulo I

O céu estava escuro, e a lua cheia não conseguia vencer as nuvens que a cobriam como um manto. Sob o firmamento, aninhada em um bosque de pequenas árvores, localizava-se a tribo dos Parisi, com suas pitorescas cabanas, que faziam lembrar cogumelos com seus telhados redondos cobertos de palha, formando um círculo.

No centro da aldeia erguia-se a cabana de Adair, o sábio, o poeta. Em seu interior reinaria um silêncio absoluto, não fosse pelos murmúrios emitidos pela jovem Wynne, que se debatia no sono entre as peles macias que forravam seu leito.

— Não... Não... Por favor... — ela murmurava baixinho às imagens que povoavam seu sonho.

Suas vestes estavam úmidas de transpiração e os cabelos loiros enrolados em seu pescoço como uma fita dourada. Os olhos azuis repentinamente se abriram, dilatados de terror, e ela se sentou com ímpeto, olhando ao redor.

Estava sozinha. Não havia nenhuma evidência de que alguém estivera ali enquanto dormia. As chamas ainda crepitavam na lareira da frente e na dos fundos, e as grades de proteção continuavam nos devidos lugares. A porta estava fechada.

Permanecia, contudo, aquela sensação angustiante de perigo iminente.

Trêmula, Wynne se levantou da cama feita de barro e palha e caminhou até a porta.

— Foi apenas um sonho — murmurou consigo mesma.

Mas parecera tão real... Seu coração ainda batia acelerado e seu peito arfava.

A noite estava calma. Seus olhos perscrutaram a distância, encontrando a magnificência da fogueira tribal, perpetuamente acesa com o fogo da vida. A sensação de que algo estava errado continuava forte. Nem mesmo a paz ali reinante conseguia vencer o medo que se apoderara de sua mente. Algo terrível estava por acontecer. Não com ela, mas com outra pessoa.

A espaçosa sala estava mergulhada na penumbra, com os últimos resquícios de luz emprestados pelas brasas nas lareiras. Wynne atravessou-a como que em transe, cogitando aonde seus familiares poderiam ter ido.

Seu pai? Sim, agora ela se lembrava de que o pai participaria da caçada que aconteceria naquela noite. Ele a avisara, no momento em que ela se recolhera, que iria se encontrar com Cedric, o chefe da tribo, em sua cabana. As mulheres não costumavam acompanhar os homens nessas empreitadas.

Onde estaria Brenna? Não era a primeira vez que Wynne acordava durante a madrugada e dava pela falta da madrastra.

De volta ao leito, Wynne procurou voltar a conciliar no sono, mas um desejo irresistível de fazer uma caminhada noturna a venceu. As paredes de madeira e o ar abafado pareciam impedi-la de respirar. Talvez ao ar livre ela conseguisse afastar as sensações que a atormentavam.

Protegida por uma capa que a cobria da cabeça aos pés, Wynne aspirou profundamente o ar frio da noite, deliciando-se com o frescor que lhe acariciou o rosto. Com passos cadenciados, percorreu a aldeia rumo à entrada do bosque onde ficavam os cavalos.

Seu garanhão negro se confundia com as sombras. Sem divisá-lo, Wynne introduziu a ponta dos dedos indicador e médio entre os lábios e soprou com força, emitindo um som agudo e característico, que sempre guiava Sloan para junto de si. Num alegre trotar, o cavalo se aproximou e Wynne ergueu a mão para afagá-lo.

— Que lindo animal você é!

Wynne o montou, em pelo, com suave agilidade, e ele pateou em sinal de que estava pronto, como sua dona, para correr ao vento.

Ela o deixou à vontade, sem exercer qualquer pressão sobre as rédeas, entregando-se ao prazer do galope, libertando-se dos problemas e das preocupações de cada dia.

Percorreram uma longa distância, deixando o córrego para trás, seguindo além das íngremes encostas, parando somente depois de chegarem ao outro extremo da floresta. Um arrepio, nesse momento, subiu pela espinha de Wynne. Ela se retesou, a respiração suspensa.

Uma voz lhe sussurrava para ter cautela. Wynne pensou no sonho e tentou encontrar um significado para a renovada sensação de perigo.

Quem seria o desconhecido de cabelos escuros cujo rosto vira com tanta nitidez na imagem que se formou em sua mente? A mesma imagem que ela vira em seu sonho e que parecia tão real como se aquele homem estivesse ali, nas proximidades, chamando-a? E por que a dominava aquele ímpeto irresistível de seguir adiante em vez de voltar para casa?

Sloan também parecia excepcionalmente inquieto, e ela o acariciou e acalmou, por breves segundos. Logo, porém, eles prosseguiram em pleno galope, e Wynne precisou apertar o manto contra o corpo para se proteger do vento e controlar o tremor que lhe chegava aos ossos. Ou não seria o frio que a fazia tremer, mas a aproximação de uma fatalidade?

Reinando sobre seu cavalo, Wynne se deteve e olhou para o alto. A lua, tão majestosa com seu halo prateado, parecia lhe dizer que tivesse confiança, que não se deixasse amedrontar por seus poderes, que a capacidade de adivinhação era um dom que recebera ao nascer.

O povo celta respeitava e adorava as forças da natureza: a lua, o sol, a terra, o ar, a água e o fogo.

De repente, Wynne foi invadida por uma nova sensação de perigo. Alerta, ela aguçou os ouvidos e estreitou os olhos para penetrar nas sombras. Seria impressão ou ouvira realmente uma suave canção trazida pelo vento? Os espíritos da floresta estariam em festa ou em alguma diligência especial?

Um cheiro peculiar de fumaça lhe disse que não. Movida pela curiosidade, Wynne soltou levemente as rédeas e foi verificar. Deparou com um clarão vermelho-alaranjado em uma pequena clareira e prosseguiu com redobrada cautela.

O fôlego lhe faltou ao reconhecê-lo. Era o homem de seus sonhos. Sua nudez refulgia ao reflexo das chamas. Alto, de magnífica constituição física, o homem de seus sonhos tinha como veste apenas uma faixa cobrindo o baixo ventre. Parecia um deus grego.

Não devia ter sido fácil dominá-lo. Quem o teria amarrado naquela árvore imponente pelos pés e pelos pulsos, erguidos acima

de sua cabeça? Quanto tempo fazia que ele estava ali? Parecia estar inconsciente. Sua cabeça pendia para um lado e os olhos estavam fechados.

As notas de uma suave canção novamente se fizeram ouvir, acompanhadas de um calafrio gelado. Sem se acovardar com o aviso, Wynne apeou e se embrenhou entre os arbustos para chegar mais perto.

Um estalido a fez parar e se abaixar para se esconder. Três vultos com longas capas pretas que lhes cobriam a cabeça passaram por Wynne e foram até o prisioneiro, forçando-o a beber o conteúdo de uma taça de madeira, ao que ele resistiu valentemente.

Wynne sentiu a revolta que o dominava, embora nenhuma palavra tivesse sido dita. As emoções que o abalavam chegaram à sua alma. Nesse momento ela entendeu. Aquele homem fora escolhido pelos seguidores de Domnu. Ele seria queimado vivo em sacrifício ao antigo deus das trevas.

Uma fúria poderosa a invadiu. O desconhecido, como que pela força de seu olhar, olhou em sua direção, embora não pudesse vê-la. Era preciso salvá-lo. Mas como? Em sua aflição, ela partira ao encontro do mistério da noite sem carregar seu punhal.

Teria de aguardar. Não havia nada que pudesse fazer enquanto as três figuras macabras não se afastassem. Seus olhos permaneciam fixos no estranho, tentando sustentá-lo com sua fé e coragem. Um suspiro de alívio quase a traiu ao perceber que os membros do culto satânico deixavam o local.

Esperou que eles se afastassem e deu um passo em direção da clareira. Um fulgor metálico atraiu seu olhar. Sem ousar se entregar a uma esperança vã, ela caminhou até o local. Era uma espada. O estranho teria conseguido escondê-la entre as folhagens antes que seus captores o dominassem?

Com um leve toque, Wynne deslizou a ponta dos dedos pela lâmina. Não era igual às armas usadas por seu povo, mas forjada em metal mais pesado.

Um súbito ruído colocou Wynne em alerta. Os três seguidores de Domnu estavam voltando. Ela se baixou rapidamente e se encolheu.

De seu esconderijo, continuou aguardando e observando. O desconhecido não pertencia à sua raça. Era um romano. Um inimigo. Ainda assim, ela não o relegaria ao desamparo.

— Que os deuses me protejam!

Wynne ergueu a espada e correu para a clareira no momento em que o trio deixou mais uma vez o local. Não havia tempo a perder. Aquela poderia ser sua última chance. Mas antes que terminasse de cortar as cordas, seu sexto sentido mandou que virasse para trás.

Uma pedra fora lançada e a teria acertado, e provavelmente matado, se ela não se desviasse. O mais alto dos sacerdotes começou a andar. Conforme ele trocava os passos, a capa se abria e denunciava o corpo inteiramente nu e coberto de símbolos enigmáticos também pintados em preto.

Munida da espada, Wynne preparou-se para se defender.

Com os olhos voltados para o alto, Valerian Quillon orou aos céus. Ele não tinha medo da morte. Mas aquela seria uma morte indigna de um soldado. Ouvira histórias sobre os povos bárbaros realizarem sacrifícios humanos, mas até passar pela experiência, não dera crédito a elas. Aquelas três figuras deviam adorar deuses sanguinários. Elas o haviam amarrado e se afastado. Depois voltaram trazendo uma espécie de gaiola de palha presa a uma corda em sua parte superior.

Ao vê-los içar a peça sobre a fogueira, Valerian praguejou. Não era difícil adivinhar o que aqueles seres diabólicos pretendiam fazer; eles o queimariam vivo dentro daquela espécie de urna funerária.

As cordas lhe cortavam os pulsos. Ele não se importava com a dor e com o sangue. Lutaria até o fim para se libertar. Em desespero, fechou os olhos. Se suas mãos não estivessem atadas, ele as levaria aos ouvidos. Aquelles cânticos o estavam enlouquecendo. Devia haver outro local de culto por perto. Não dava para vê-los, mas suas vozes o alcançavam.

Que tipo de poção eles o teriam forçado a tomar? Não era veneno, disso ele tinha certeza. O veneno o teria corroído por dentro. Não. Sua morte teria sido rápida. Aquelles monstros não desejariam

estragar o prazer do ritual.

Valerian tinha a impressão de estar flutuando. Sua cabeça estava leve. Sacudiu-a para tentar desanuviar a mente. Faria parte daquela espécie de transe, a sensação de que a deusa da guerra e da sabedoria estava se inclinando para ele e cortando as cordas que lhe atavam os pés e os pulsos?

— Minerva, você veio em meu socorro! — Valerian exclamou.
— Salve-me desta emboscada e eu a servirei para sempre!

Como em resposta à sua prece, ele viu a deusa se virar e lutar para defendê-lo. Surpreendentemente, a deusa não tinha cabelos escuros, como ele pensava, mas sim claros e brilhantes como fios de ouro. Era linda. Dona de uma formosura inigualável.

Querida ficar olhando para ela, admirando cada detalhe de seu corpo e de seu rosto perfeitos, mas a poção estava lhe roubando os últimos resquícios de controle. Em um esforço final, tentou romper as cordas que o atavam antes de mergulhar em escuro silêncio.

Movendo-se em círculos, como parceiros em uma dança, Wynne e seu oponente se enfrentavam. O homem era três vezes maior do que ela, mas não estava armado com uma espada. Possuía, entretanto, uma força e uma agilidade descomunais, aparando os golpes e chegando cada vez mais perto dela.

— Está se cansando, não é? — ele a provocou com um sorriso malévolo.

Negando com um movimento de cabeça, Wynne desferiu outro golpe. Mas o homem deduzira corretamente. Ela não sabia quanto tempo mais iria suportar. Foi o medo de que os outros voltassem que lhe deu ensejo para tentar acertá-lo em definitivo.

A capa devia estar limitando os movimentos do agressor. Inesperadamente, ele a tirou. Wynne gostaria de imitá-lo para facilitar sua defesa, mas não faria isso. Era preciso encontrar outro recurso. Nas circunstâncias, ela não resistiria muito tempo mais.

— Sloan! — chamou, impulsionada por um súbito lampejo, e seu cavalo não demorou mais do que alguns segundos para se colocar a seu lado.

O oponente se distraiu por uma fração de segundo, mas foi o

suficiente para derrubá-lo com um golpe na cabeça. Talvez devesse aproveitar e matá-lo para livrar-se do perigo de uma vez por todas, mas não era da índole de Wynne fazer mal a alguém.

Apenas para impedi-lo de fugir e avisar os companheiros, ela o amarrou firmemente a uma árvore e amordaçou-o com a manga da túnica descartada e lançada ao chão. Em seguida, montada em seu cavalo, a espada empunhada na mão esquerda, o capuz resvalando sobre os ombros com os movimentos, Wynne se apressou a soltar o prisioneiro.

Entre o torpor e a vigília, Valerian observava a deusa Minerva, vestida de preto, ao lado de um formoso garanhão também negro. Os cabelos longos e loiros pareciam tecidos em prata à luz da lua. Apesar de ela estar brandindo uma espada, ele não teve medo. Sabia que ela estava ali para libertá-lo.

A aurora saudou o novo dia. Aos pés de Wynne, o romano dormia. Ele era ainda mais bonito à luz do sol do que ao luar. Talvez fosse mais bonito até do que seu pai.

Embora alguns centímetros mais baixo do que Adair, o romano era mais forte e musculoso. Tinha cabelos pretos como as asas de um corvo, cortados rente, ao contrário dos homens de sua tribo, que os deixavam crescer sobre os ombros. Sem pensar, Wynne estendeu o braço para tocar aqueles cabelos, mas recuou depressa ao ouvir um murmúrio.

Quem seria aquele homem?, perguntou-se, enquanto estudava as feições másculas com malares proeminentes, nariz reto e cílios longos e escuros que projetavam sombra sobre as faces. De que cor seriam seus olhos? A covinha no queixo era fascinante. Sob o risco de acordá-lo, Wynne não se conteve e percorreu os dedos suavemente sobre a pele aquecida pelo sol.

A brisa, porém, soprava fria. Sem o manto, que ela usara para cobrir o romano, Wynne precisava cruzar os braços e andar de um lado para outro para se aquecer. Os acontecimentos da noite anterior se repetiam em sua mente. Parecia incrível que ela tivesse lutado

com um gigante e conseguido vencê-lo. Devia ao pai, que a treinara no manejo das armas e lhe cobrara uma destreza rara entre as mulheres de seu povo, embora a participação feminina nas batalhas e nos conselhos de guerra fosse comum.

O rosto do agressor ficara gravado em sua memória. Era-lhe vagamente familiar, embora não conseguisse recordar onde o encontrara e em que situação.

Um gemido baixo escapou dos lábios do estranho, e Wynne correu para o lado dele. Não sabia como reunira forças para carregá-lo e colocá-lo em cima de Sloan, depois de soltá-lo. Forças misteriosas haviam vindo em seu auxílio, ela tinha certeza. E depois ela o trouxera até ali, ao seu recanto precioso desde os tempos da infância.

— Minerva — o romano murmurou em seu delírio. — Minerva, linda Minerva...

Wynne tocou-o na testa, satisfeita em constatar que estava fresca. Cogitava sobre o efeito da poção que o haviam forçado a beber. Desconfiava de que tivesse sido extraída de uma planta chamada beladona, muito empregada entre os praticantes de magia negra. Diziam que provocava a sensação de voar, quando aplicada em massagens sobre a pele. No caso do romano, a ingestão faria parte da cerimônia de sacrifício?

Ele finalmente abriu os olhos. Ao vê-la, estendeu a mão e segurou algumas mechas de seu cabelo.

— Minerva... você não me desamparou. Eu jamais sonhei em tocar numa deusa.

Os olhos dele eram diferentes. Não eram azuis, nem cinzentos, mas de uma cor quase dourada, entre o castanho e o âmbar.

Valerian percorreu os olhos por Wynne dos pés à cabeça, achando-a alta, como uma deusa deveria ser. Os cabelos loiros emolduravam um rosto oval e terminavam abaixo da cintura; o nariz era delicadamente esculpido, o queixo arredondado, os grandes olhos azuis eram sombreados por cílios castanhos e espessos, e os lábios eram cheios e sensuais; as pernas eram longas, e os quadris bem-proporcionados sob uma cintura fina. Nem mesmo a folgada

túnica azul conseguia ocultar a beleza exuberante de seu busto.

— Você é linda! — ele exclamou, desejando sentir o corpo dela junto ao seu.

Contavam as lendas que os deuses da Antiguidade costumavam descer à Terra e se apaixonar por seres mortais. Naquele momento ele soube que nunca desejara nem jamais desejaria algo com tanta intensidade do que ser amado por Minerva.

— Minha doce deusa, deixe-me provar seus lábios — ele suplicou.

Estendeu os braços e circundou Wynne pela cintura, trazendo-a para junto de si e roçando-lhe os lábios com os seus, com leveza a princípio, e depois como se devorasse um pote de mel.

Os olhos de Wynne se arregalaram de espanto. O que era aquele encontro de lábios que se pressionavam uns contra os outros? Não se fazia aquilo em sua tribo. Como ela poderia prever que ele fosse apoderar-se tão inesperadamente de seus lábios?

Ainda assim, ela não se assustou o suficiente para se afastar. Na verdade, o contato era agradável, e Wynne fechou os olhos para sentir melhor a pressão gentil, a suave exploração de lábios e língua. Não esperava que uma centelha fosse se acender em seu íntimo e espalhar-se pelas veias. Não sabia o que fazer, como reagir. Instintivamente procurou imitá-lo, movendo os próprios lábios sobre os dele. O romano abraçou-a tão forte que ela mal pôde respirar.

A doçura e o calor dos beijos fizeram Valerian inchar de desejo. Tudo o mais deixou de existir. Ele só conseguia pensar na glória da presença divinal, na fragrância que se desprendia de sua pele e de seus cabelos, na maciez da pele em contato com a sua.

Incapaz de se conter, deslizou as mãos pelos quadris dela e foi subindo até se apoderar dos seios, acariciando os mamilos.

O encantamento se quebrou com esse gesto. Wynne enrijeceu e se afastou como se tivesse sido queimada. À sensação de calor que a dominara seguiu-se uma onda de medo que a fez tremer. Medo do poder que aquele homem desconhecido exercia sobre ela, medo da reação que ele lhe provocava com suas carícias.

Surpreso com a reação da moça e com a expressão de choque

estampada naquele semblante maravilhoso, Valerian hesitou. Por que ela se comportava como se houvesse algo de errado no que faziam? Não era natural um homem desejar uma linda mulher, fosse deusa ou mortal?

A menos, talvez, que ela ainda fosse virgem. Sim, agora ele se lembrava. Então era verdade o que diziam sobre Minerva ser pura e inocente. E ele a insultara! Seria castigado por tê-la desrespeitado. Um raio poderia fulminá-lo, se ela assim o determinasse. As paixões dos deuses eram mais intensas que as dos mortais. Ela poderia fazê-lo pagar com a vida pela afronta.

— Eu sinto muito — Valerian se desculpou. — Peço perdão por minha ousadia. Não me contive diante de sua beleza. Está zangada comigo?

Wynne sustentou o olhar do romano, embora preferisse evitá-lo, envergonhada e confusa com o que acabara de acontecer. Não entendera nada do que ele dissera. Seu pai conhecia várias palavras da língua falada pelos romanos, o latim. Ela aprendera algumas, mas seu conhecimento não era suficiente para manter uma conversação. Nem mesmo para decifrar aquela mensagem.

Preocupada com a agitação dele, após o que sofrera, fez um gesto para que se deitasse e se acalmasse.

— Você não entendeu nada do que eu disse!

A realidade o atingiu com impacto. Agora ele percebia por que ela se mantivera calada durante todo o tempo enquanto ele enaltecia sua beleza, e por que não recusara o beijo.

Diante da ironia da situação, Valerian balançou a cabeça e riu. Ele, um homem que poderia ter qualquer mulher que desejasse, cujo poder de sedução nunca falhava, estava completamente sozinho com a mulher mais adorável que já vira, e não conseguia se expressar de maneira que ela o entendesse!

Ao som da risada, Wynne sorriu. Seus dentes eram tão perfeitos quanto o rosto e o corpo.

A imagem da jovem e destemida mulher que viera em sua salvação lhe voltou à mente. Lembrava-se do brilho de seus cabelos ao luar, da espada em riste, do cavalo negro. Confundira-a com a

deusa, mas agora sabia que ela era humana. Como ele.

A descoberta lhe proporcionou uma imensa alegria. Uma deusa seria inacessível; uma mulher de carne e osso, ele poderia amar.

— Folgo em saber, adorável criatura, que é meramente, como eu, uma mortal!

Wynne aguçou os ouvidos para tentar reconhecer alguma das palavras que ele dizia, mas foi em vão. O pai não lhe ensinara nenhuma daquelas palavras.

— Percebo que não entendeu o que eu disse, mas em breve você conhecerá meu idioma — ele murmurou. Por mais que desejasse fazer sua aquela belíssima jovem, antes seria preciso ultrapassar a barreira da linguagem. Segurou-a pela mão e tornou a sorrir. — Obrigado por salvar a minha vida.

Ela lhe ofereceu mais um de seus sorrisos em uma prova de ter captado o sentido do que ele dizia e interpretado sua emoção.

Valerian deitou-se em seguida, vencido pelo cansaço, demonstrando que entendera o gesto que ela lhe fizera. Wynne também se rendeu, nesse momento, e deitou-se ao lado dele.

Fora uma longa noite.